



***Mercure de France: de Donneau de Visé à Alfred Vallette, da série moderne à maison d'édition***

***Mercure de France: from Donneau de Visé to Alfred Vallette, from its série moderne to the maison d'édition***

LÓPEZ, Camila Soares\*

**Resumo:** Este artigo visa a apresentar a atuação da revista *Mercure de France* ao final do século XIX, na França. Editado por Alfred Vallette, o *Mercure* ofereceu aos leitores crônicas, resenhas, contos, ensaios críticos, entre outros textos. Seus colaboradores discorriam sobre diversas tendências da época, no que concerne às artes, à literatura e mesmo à oposição ao Naturalismo e às instituições estabelecidas, como a Academia Francesa. No período, consolidou-se entre importantes periódicos franceses. Para tanto, analisamos a sua história que remonta ao século XVII, bem como sua proposta de inovação, a evolução de sua estrutura e seus primeiros passos como editora.

**Palavras-chave:** Periódicos. *Mercure de France*. Alfred Vallette. Simbolismo.

**ABSTRACT:** This paper aims to present the role of *Mercure de France* in the end of the 19<sup>th</sup> century, in France. Published by Alfred Vallette, the *Mercure* offered to its readers chronicles, reviews, short stories, essays, etc. Its collaborators wrote about different tendencies which concerned the Arts, Literature and also the opposition to Naturalism and other formed institutions, as the French Academy. In that period, it was established among the important French periodicals. For that purpose, we analyze its history dating back to the 17<sup>th</sup> century, its proposal of innovation, its structure evolution and its first steps as a publishing house.

**KEYWORDS:** Periodicals. *Mercure de France*. Alfred Vallette. Symbolism.

## Introdução

O século XIX francês foi cenário propício à efervescência de periódicos. A imposição de um novo modelo urbano, a partir da reforma de Paris orquestrada por Georges-Eugène Haussmann, além de maior disponibilidade de recursos estruturais diversos, a exemplo do acesso à eletricidade e da expansão das ferrovias, aperfeiçoou as ferramentas que

---

\* Mestre em Letras - Doutoranda - Programa de Pós-graduação em Letras - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Univ. Estadual Paulista, Campus de Assis - Av. Dom Antônio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo - Brasil. Bolsista FAPESP. E-mail: cslopez\_unesp@yahoo.com.br

**Recebido em:** 05 de abril de 2014.

**Aprovado em:** 23 de maio de 2014.

possibilitavam a circulação de informação. A obrigatoriedade do ensino primário resultou em maior índice de alfabetizados e em aumento, conseqüente, do público leitor, o que colaborou para o desenvolvimento da imprensa. Houve, ainda, o barateamento do material impresso, que redimensionou a indústria tipográfica e impulsionou suas tiragens, bem como a modernização de itens técnicos – como a introdução da rotativa Koenig, cuja tiragem era de 150 folhas (retro-verso). Surgiram livrarias e gabinetes de leitura, técnicas de fotografia atualizaram-se e, em 1829, com a criação da *Revue de Paris* e da *Revue des Deux Mondes*, os escritores passaram a publicar seus contos em revistas, prática que já era recorrente na Alemanha e na Inglaterra (ORTIZ, 1991, p. 70).

O momento foi favorável ao surgimento de diversas publicações. Em meados da década de 1880, grupos de literatos reuniam-se para divulgar a estética simbolista, que encontrou, na imprensa, sua via de propagação. Na época, tais agrupamentos julgavam exprimir um mal-estar diante do pensamento vigorante, retomando valores que se opunham às vogas positivista e naturalista, e que presavam a poesia de Stéphane Mallarmé e Paul Verlaine. Do ponto de vista filosófico, criou-se uma atmosfera que almejava a disseminação do misticismo e do ocultismo, que se via na contramão do culto à ciência, e bebia nas fontes do espiritualista sueco Emanuel Swedenborg. De modo geral, as revistas que apregoavam tais ideias eram efêmeras.

Desses grupos e dessas revistas originou-se a *série moderne* do *Mercure de France*. A princípio, um periódico de pequenas proporções, o *Mercure* transformou-se e, ao longo dos anos de 1890, revelou temas que iam além da literatura e das artes, que eram os principais assuntos de seus primeiros números. Além disso, propulsionou a publicação das obras de seus colaboradores que se encontravam às margens das grandes editoras de seu tempo.

Nas próximas linhas, retomaremos a história do *Mercure de France*, cujo nome advém do século XVII, quando o periódico dedicou-se à literatura, à informação e à exaltação dos feitos de Luís XIV. Discorreremos sobre sua trajetória até o ano de 1890, quando o título foi retomado e a revista passou a ser dirigida por Alfred Vallette. Elucidaremos suas propostas iniciais e, por fim, analisaremos o seu crescimento ao longo do último decênio do século XIX, quando se lançou em incursões editoriais.

### ***Mercure de France*: de Donneau de Visé a Alfred Vallette**

O título *Mercure de France* percorreu anos e fez-se presente em diversos momentos da literatura e do periodismo francês. Sua origem remonta ao Antigo Regime, quando o



escritor Jean Donneau de Visé<sup>1</sup> esteve à frente do *Mercur Galant*, revista que se tornou *Mercur de France* alguns anos após a sua criação.

Donneau de Visé recebeu autorização de seu protetor Luís XIV, em 15 de fevereiro de 1672, para fundar o *Mercur Galant*, que era uma revista semanal, “*avec privilège du roi*”<sup>2</sup>, e que tinha o objetivo de divulgar informações de caráter diverso, além de poemas e historietas. Em sua maior parte, era escrita por seu fundador e dirigida, principalmente, às mulheres. Seis meses após sua primeira publicação, foram lançados mais dois volumes que continham notas sobre política, sobre a vida na Corte e no exército, poesia, artigos de moda e teatro, e momentos de participação do leitor, sempre convidado a enviar versos e a solucionar quebra-cabeças. Além disso, “incluía relatos, em geral, elogiosos, das ações de Luís XIV e das vitórias de seu Exército, uma forma de propaganda pela qual o editor recebia polpuda pensão do governo” (BRIGGS & BURKE, 2004, p. 76).

As atividades do *Mercur Galant* foram interrompidas em 1673 e retomadas em 1677. Supostamente, a suspensão se deveu aos desentendimentos entre Donneau de Visé e Thomas Corneille (1625-1709)<sup>3</sup>. Em 15 de dezembro de 1681, ambos regulamentaram suas atividades editoriais em contrato, do qual consta, entre outras cláusulas, a condição de que o *Mercur Galant* seria “sempre composto de quatorze e quinze páginas, e nunca de mais de dezesseis; haverá sempre duas gravuras e duas canções, e não se falará do Rei sem que haja novo acontecimento” (H., 1893, p. 183). Donneau de Visé conduziu o *Mercur Galant* até o ano de sua morte, em 1710, quando Charles Dufresny, dramaturgo e *garçon de chambre* de Louis XIV, tomou sua direção. O periódico permaneceu forte e começou a ser publicado mensalmente. A partir de então, seu número continha duzentas páginas e era vendido a vingt sous, apresentava pequenos versos, bilhetes galanteadores e notícias que, por vezes, se mostravam fantasiosas. Tornou-se *Mercur de France* em 1724, declarando-se periódico “dedicado” e também “com aprovação e privilégio do rei”. Na época, a monarquia absolutista desejava exercer um controle sobre as ideias que circulavam, dividindo a informação em setores e cada um deles possuía sua própria publicação, que era conduzida por um “privilegiado”, condição, aliás, que era destinada também aos seus descendentes. Auxiliado por Jean-Baptiste Colbert, o rei reestabeleceu sua preeminência enquanto patrocinador das artes. Diversas Academias foram fundadas ou reorganizadas, como a *Académie d’Opéra* e escritores recebiam pensões para dedicar suas obras ao

<sup>1</sup> Jean Donneau de Visé (1638-1710) provinha de família nobre parisiense. Foi autor de textos dramáticos e de crítica.

<sup>2</sup> Informação que consta de sua capa

<sup>3</sup> Era irmão de Pierre Corneille e foi eleito à Academia Francesa. Dedicou-se ao teatro e foi autor de diversas peças, a exemplo da comédia *Les Engagements du hasard* (1647) e da tragédia *Mort de l'empereur Commode* (1657).

monarca e mesmo elogiá-lo. No século XVIII, havia os “*pensionnés sur le Mercure*”, isto é, indivíduos que recebiam renda por conta de sua atividade de colaborador do *Mercure de France* (BEAUMARCHAIS; COUTY; REY, 1990, pp. 1579-1580). Lançando mão do poder absoluto, Luís XIV mantinha o desejo de publicidade de sua “magnificência” (BURKE, 1994, p. 63).

Com um deus Mercúrio estampado em sua capa, o *Mercure de France* exibiu o lema “*quae colligit, spargit*”.<sup>4</sup> Ao final de seu primeiro número, divulgou a autorização de sua impressão, mostrando-se uma publicação oficial (“Eu li, por ordem do Monsenhor le Garde des Sceaux o *Mercure de France* do mês de janeiro, e acreditei ser possível sua impressão. Em Paris, 10 de fevereiro de 1724. – Hardion”). A revista tornou pública uma apresentação contendo a seguinte advertência, em espécie de esclarecimento da mudança de nome:

O título de *Mercure de France* que damos hoje ao nosso Jornal, em substituição daquele que levava desde sua instituição, não deve fazer com que temam que nós queiramos suprimir essas matérias agradáveis que causam tanto prazer ao mundo galante e polido. Não é, de modo algum, o nosso desejo; nós procuramos acrescentar belezas à nossa obra, mais do que eliminar; mas, para colocar o nosso *Mercure* ao alcance de todas as pessoas, nós renunciamos de um título que parecia consagrá-lo aos jovens, e às Senhoras, exclusivamente, do que a todos os outros leitores. Os mais sérios e os mais divertidos aqui encontrarão igualmente do que se ocupar (*MERCURE de France*, 1724).

54

Entre o fim do século XVIII e início do século XIX, o *Mercure de France* contou com os seguintes editores: G. Cavalier; N. Pissot; Lacombe; e Pancoucke. Entre os colaboradores, estavam Antoine de la Roque, Louis Fuzelier, Charles-Antoine Le Clerc de la Bruère, Louis de Boissy, entre outros. Eles eram, possivelmente, de figuras de importância – na época de Jean-Baptiste Colbert, as virtudes, as fraquezas dos literatos eram analisadas, a fim de que pudessem estar a serviço do rei, o que não seria diferente nos anos posteriores.

As páginas do *Mercure de France* eram tomadas por cartas, traduções de textos clássicos (a exemplo dos assinados por Horácio), enigmas, notícias relacionadas à Academia Francesa, notas sobre batismos, falecimentos e casamentos, além de avisos sobre o recebimento de benefícios e empregos. Assim prosseguiu até 1825, quando deixou de existir. Em 15 de fevereiro de 1835, outro periódico foi criado e este lançou mão do título *Mercure de France*. Tratava-se de um suplemento do *Musée des Familles*, um dos primeiros periódicos ilustrados da França, vendido a baixo custo, e que foi fundado pelo jornalista e

<sup>4</sup> “O que recolhe, desperdiça”.



homem político Émile Girardin. A publicação do “novo” *Mercurio* também era mensal e essa folha era comercializada em Paris por quatro francos. De sua capa consta a informação de que era composto de “Estudos e revelações mensais do jornalismo, da livraria, das oficinas, das academias, das rodas, e dos salões, dos teatros e dos tribunais” (*MERCURE de France*, 1835). Suas atividades se estenderam até o ano de 1882.

Havia um grupo que se reunia em torno de *La Pléiade*, revista criada em 1886, cuja direção era de Rodolphe Darzens,<sup>5</sup> e que durou apenas um número. Em apresentação de Théodore de Banville, foi definida como uma folha “jovem” e descompromissada em relação às “celebridades contemporâneas” (BANVILLE, 1886, p.01-02). Em 1889, o título foi retomado por Pilate de Brim-Gaubast, que foi redator-chefe em tal fase. A partir de então, *La Pléiade* publicou poemas, crítica, além de seção consagrada à resenha de livros, ao teatro e às belas artes. Entre seus colaboradores, alguns favoráveis à estética simbolista, estavam Édouard Dubus, Louis Dumur, Charles Morice, Georges-Albert Aurier e Alfred Vallette. Após cinco números, deixou de existir.

À *Pléiade*, faltava, infelizmente, administração, e ela não era apoiada. Todavia, quando ela naufragou, nós percebemos que esse desaparecimento causava um vazio. Nós precisávamos de um lugar nosso, onde pudéssemos nos instalar à vontade e nos sentirmos os condes. Foi então, em uma noite de conversas no café François Primeiro, que Édouard Dubus, G.-Albert Aurier e o autor dessas linhas [Louis Dumur], decidimos que era urgente, necessário e eminentemente desejável criar um novo órgão. Discutíamos longamente para saber se conviria conservar o antigo nome ou se era preferível mudar de título. A mudança de título o trouxe, sobretudo porque tínhamos, para esse assunto, uma excelente ideia, velho projeto outrora acariciado, e que exumamos por conta das circunstâncias. Não se tratava de nada menos do que fazer reviver o antigo *Mercurio de France*, dando-lhe como órgão – graça atraente – as mais ousadas renovações literárias. Nós bebemos um ponche em honra do *Mercurio de France* e, durante muitas horas – até o fechamento do estabelecimento – nós nos satisfizemos em trançar para o recém-nascido as mais perfeitas coroas de ilusões... as quais algumas se tornaram, entretanto, realidade. (DUMUR, 1895, p. 147-48)

Remy de Gourmont explanou a origem do nome *Mercurio de France*:

O *Mercurio galant* [sic] de 1672, tornado *Mercurio de France*, e que continuou de diversas formas até os nossos dias, inaugurava apenas a menos interessante parte de seu título. Há, com efeito, *Mercurios* muito mais antigos. Eles são, é verdade, para a maioria, publicações passageiras e especiais, brochuras sem amanhã, mas que se assemelham a um jornal, no que tinham como objetivo de anunciar a um número suficientemente grande de leitores uma ou duas notícias; outros, como o *Mercurius* ou o *Mercurio francês* têm uma periodicidade quase anual: são verdadeiras revistas políticas.

<sup>5</sup> Escritor e diretor do *Théâtre des Arts*.



Aqui estão, a título de curiosidade, os *Mercures* que precederam o *Mercurus galant* (os que o seguiram são inumeráveis):

*Mercurius gallo-belgicus*, 1598-1638. – *Mercurus François*, 1611-1648. – *Mercurus d'Allemagne*, 1619 e 1622. – *Mercurus et fidèle Messenger de la Cour*, 1622. – *Mercurus jesuite*, 1630. – *Mercurus allemand*, 1631-32. – *Mercurus au Courrier céleste*, 1632. – *Mercurus d'Etat* (Paris), 1634. – *Mercurus suisse*, 1634. – *Mercurus d'Etat* (Genève), 1635. – *Mercurus espagnol*, 1639. – *Mercurus de Compiègne*, 1649. – *Mercurus parisien*, 1649. – *Mercurus infernal*, 1649. – *Mercurus de la Cour*, 1652. – *Mercurus indien*, 1667. – *Mercurus postiglione di questo e l'altro mondo*, 1667. (tradução do precedente) (GOURMONT, 1891, p. 62).

A “*série moderne*” do *Mercurus de France* surgiu em um momento de efervescência das revistas francesas, em especial as que reuniam entusiastas da estética simbolista, como *Le Décadent*, e advinham de diversos agrupamentos, como os *Hydropates* e os membros do *Chat Noir*. Tem-se notícia de que, de 1885 a 1895, foram criadas 130 *petites revues* (BARRE, s/d, p. 82). Nesse período, diversas revistas apresentavam-se como “literárias”:

A primeira coisa a se observar é a insistência dada ao adjetivo “literária”. Este é designado a apontar a existência de um campo específico, “Literatura”, o que essas revistas exploram e enriquecem. Tal categoria não pode ser separada do sistema implícito no qual funciona. Apresentar textos literários, ou comentários sobre textos literários, significa que existe uma divisão do trabalho intelectual de acordo com as categorias dos objetos de conhecimento. (Anônimo, 1971, p. 68)

56

E era de praxe que os jovens escritores publicassem nas *petites revues*:

A razão para tal fenômeno não é de difícil compreensão. Inexperientes, jovens, e ainda desconhecidos, escritores raramente eram capazes de encontrar um espaço nas maiores editoras (como Lemerre, Charpentier, Vanier, Tresse e Stock) ou em revistas que já existiam, e isso acarretava na criação, por eles mesmos, de periódicos literários destinados a exporem seus trabalhos e visões. (CARTER, 1973, p. 476)

Em seu grupo inicial, o *Mercurus de France* contou com Jules Renard, Louis Dumur, Édouard Dubus, Georges-André Aurier, Alfred Vallette, Paul Leclercq, Jacques Reynaud, Albert Samain, Louis Denise e Remy de Gourmont. Nessa época, os fundadores da revista “criaram 25 partes de cinco francos para pagar os 125 francos do número 1 publicado em 1º de janeiro de 1890” (MOLLIER, 2010, p. 628). Desse primeiro número, consta uma apresentação assinada por Vallette, que declarou que o *Mercurus* distinguia-se das demais publicações de seu tempo:

[...] entre os três objetivos os quais um periódico literário pode propor – ou ganhar dinheiro, ou agrupar autores em comunhão estética que forma escola e que se esforça ao proselitismo, ou enfim publicar obras puramente artísticas e de concepções suficientemente heterodoxas para não serem, de modo algum, acolhidas por publicações que contam com a clientela – é este



último escolhido por nós, conhecendo, de resto, especuladores muito deploráveis para esperar a metamorfose de nossos escritos em ouro, e sabendo serem inalcançáveis, nesse período transitório que atravessamos, os elementos de uma escola literária. (VALLETTE, 1890, p.04)

Alfred Vallette atuou em outras revistas anteriores ao *Mercure de France*. Tornou-se conhecido graças ao *Scapin*, hebdomadário de existência efêmera, de quem era secretário da redação. Mas foi o *Mercure* que “lhe tomou sua vida e foi sua obra verdadeira, e mesmo sua obra-prima” (DINAR, 1943, p. 170). Vallette via-se como “operário das letras” e seus contemporâneos reconheciam-no por sua “retidão, honestidade, trabalho, energia, generosidade, senso de acolhida, sabedoria, calma, paciência, obstinação, liberdade de espírito”, entre outras qualidades. Segundo Jean-Yves Mollier, é “(...) ao profissional do grupo informal, Alfred Vallette, tipógrafo gravador, que Louis Dumur e seus amigos confiarão a direção da revista que está para nascer” (2010, p. 627) e cujo empreendimento editorial abriu portas para modelos que se estabeleceram nos anos subsequentes.

#### **A “Série moderne” do *Mercure de France*: uma nova revista e uma nova proposta**

No século XIX, o cenário literário francês caracterizou-se por relações entre arte e poder. O campo da literatura dividia-se entre “arte pura”, que remetia ao apreço pela produção artística, e a “arte burguesa”, edificada em manifestações consideradas “menores”, na forma dos cabarés e dos *feuilletons*. Eram aparentes as associações entre os produtores culturais e os indivíduos dominantes, o que resultava em uma *subordinação estrutural*,

[...] que se impõe desigualmente aos diferentes autores segundo sua posição no campo, e que se institui por meio de duas mediações principais: de um lado o mercado, cujas sanções ou as coações se exercem sobre as empresas literárias, ou diretamente, por meio dos números de venda, de entradas, etc., ou indiretamente, por meio de novos postos oferecidos pelo jornalismo, a edição, a ilustração e todas as formas de literatura industrial; de outro lado, as ligações duradouras, fundadas nas afinidades de estilo de vida e de sistema de valores, que, sobretudo por intermédio dos salões, unem uma parte, ao menos a dos escritores, a certas frações da alta sociedade e contribuem para orientar as generosidades do mecenato do Estado (BOURDIEU, 1992, p. 88).

Os salões eram também um pano de fundo para o estabelecimento de relações de apadrinhamento, cujas trocas:

[...] operavam verdadeiras articulações entre os campos: os detentores do poder político visavam impor sua visão aos artistas e se apropriar do poder de consagração e de legitimação que possuem, sobretudo por meio daquilo que Sainte-Beuve chamava de “imprensa literária”; de seu lado, os

escritores e os artistas, que agiam como solicitadores e intercessores, e mesmo, às vezes, como verdadeiros grupos de pressão, esforçavam-se para assegurar um controle imediato das diferentes gratificações materiais ou simbólicas distribuídas pelo Estado. (BOURDIEU, 1992, p.92)

O vínculo entre “campo literário” e “campo do poder” ganhou novos contornos a partir de 1850, quando escritores e artistas passaram a recusar a dependência do primeiro para com o segundo. Episódio exemplar de tentativa de conquista de autonomia foi a candidatura paródica de Charles Baudelaire à Academia Francesa, que se mostrou um desafio e uma transgressão dos encadeamentos vigentes, pois Baudelaire instituiu pela primeira vez o “(...) corte entre edição comercial e edição de vanguarda, contribuindo, assim, para o surgimento de um campo de editores homólogos ao dos escritores e, ao mesmo tempo, a ligação estrutural entre o editor e o escritor de combate” (BOURDIEU, 1992, p. 117). Após a iniciativa desse poeta, ascenderam os tempos de recusa da “arte burguesa” e de busca da autossuficiência da produção cultural, que culminaram, por fim, na “reação simbolista”. Tal reação baseava-se na luta contra os ditames do realismo e do positivismo e do “renascimento espiritualista”:

A dimensão social e mesmo política dessa reação é, com efeito, evidente: ela opõe uma arte artista e espiritualista, que cultiva o senso do mistério, a uma arte social e materialista, fundada na ciência (o progressismo político é mais associado ao conservadorismo estético e se encontra, por exemplo, entre os velhos parnasianos sociais ou em diferentes escolas estranhas, como o “unanimismo” de Jules Romains). (BOURDIEU, 1992, p.199).

58

Manifestos contra Émile Zola eram frequentes na época, pois, para os seus adversários, o autor de *L'Assomoir* representava uma “literatura materialista, sem ideal, que utiliza apenas os meios mais acessíveis e que constituía uma ameaça para o talento francês” (DINAR, 1943, p. 51). Do número de 18 de agosto de 1887 do periódico *Le Figaro*, por exemplo, consta o texto intitulado “*La Terre*”. Assinado por Paul Bonnetain, J. -H. Rosny, Lucien Descaves, Paul Margueritte e Gustave Guiches, apresenta crítica ao romance *La Terre*, de Zola, e denuncia a decadência da obra desse escritor, tido como representante de um ideário considerado ultrapassado. Ao final do texto, há um apelo aos jovens da época, chamados a transformar a arte vigente:

É necessário que, de toda a força de nossa juventude laboriosa, de toda a lealdade de nossa consciência artística, nós adotássemos uma posição e dignidade diante da literatura sem nobreza, que nós protestássemos em nome das ambições normais e viris, em nome do nosso culto, do nosso amor profundo, de nosso supremo respeito pela arte (BONNETAIN et al., 1887, p. 1, 2. col).

Eram diversos os discursos que indicavam a oposição entre naturalistas e simbolistas, entre o que se entevia como “novo” e “antigo” e entre o “original” e o





“ultrapassado”. A crise gerava, ainda, a necessidade de se assegurar os recursos daqueles que ganhavam a vida graças ao trabalho literário, o que indicava a mudança das necessidades dos agentes do campo literário. Todas essas manifestações inseriam-se em uma “atmosfera de restauração espiritual”, que “contribui, sem dúvida, para favorecer o retorno às formas de arte que, como a poesia simbolista e o romance psicológico, levam ao mais alto grau da negação tranquilizadora do mundo social” (BOURDIEU, 1992, p. 215).

Assim, publicações que aspiravam ao rompimento com tal *status quo* emergiram entre os periódicos franceses. Essa perspectiva se refletiu nas páginas do *Mercur de France*, renascido em 1890. Em seu primeiro ano, observa-se a divulgação de textos que remontam ao anseio de ruptura, de imersão em novas ideias e de diferentes propostas estéticas, em aparente tentativa da revista de se afirmar como veículo que recusava os então ossificados preceitos do Naturalismo e da exaltação desmedida da ciência. Como já se mencionou, o *Mercur* dizia-se, em sua gênese, distinto das demais folhas de seu tempo. Chama a atenção os escritos que trouxeram à luz a aversão a algumas das instituições já edificadas, como a Academia Francesa, além da postura de negação do burguês e de escritores que se submetiam às suas condições, e da exaltação de teorias que se mostravam na contramão do cientificismo apregoado pela concepção naturalista.

No ano de 1890, um exemplar do *Mercur de France* possuía, em média, 35 páginas. Era vendido por assinatura e o valor de sua versão fascicular, anunciada em dezembro, era de quatro francos (assinatura semestral) e de sete francos (assinatura anual), na França, e de oito e cinco francos nos países da União Postal Europeia. Não apresentava anúncios de produtos e serviços e fazia poucos comentários em relação a outras revistas. Além disso, o único editor mencionado era Alfred Vallette (“*le gérant*”) e uma reprodução fac-similar de sua assinatura aparecia ao final de cada número. No que tange o seu aspecto visual, apresentava poucas e pequenas ilustrações, sem menção a sua autoria. No início de cada tomo,<sup>6</sup> havia um índice geral dos textos publicados, seguido de um índice por autor.

Nesse momento inicial, o *Mercur de France* publicou, essencialmente, poemas, contos, crítica literária e de arte, além de textos que discorriam sobre as tendências do período – como já se apontou, tratavam-se de ideias consonantes ao anseio de renovação e à ruptura com os ditames do Naturalismo – e cuja extensão máxima era de cinco páginas. Possuía as seguintes seções: “*Les livres*”; “*Théâtres*”; “*Beaux-Arts*”; “*Choses d’art*”; e “*Échos divers et communications*”. “*Les livres*” era a seção que contava com resenhas de livros publicados – foram 73 as obras resenhadas ao longo de 1890. “*Théâtres*”, “*Beaux-Arts*” e “*Choses d’Art*” apresentavam considerações sobre peças teatrais e exposições, respectivamente. E a rubrica “*Échos divers et communications*” era o espaço destinado às

<sup>6</sup> Ao final de cada ano, a revista compilava e comercializava seus números em formato de livro.

notas sobre os colaboradores, às cartas dos leitores, ao anúncio de novas publicações, entre outros assuntos.

Em 1890, os colaboradores mais assíduos foram: Ernest Raynaud (13 publicações); Jules Renard e G. Albert-Aurier (12 publicações cada); Louis Denise (nove publicações); Alfred Vallette e Albert Samain (oito publicações); e Édouard Dubus e Louis Dumur (sete publicações cada). A busca de informações sobre a produção desses autores nos leva às seguintes premissas: fizeram parte de agrupamentos decadentistas ou simbolistas, colaborando em suas respectivas folhas – Ernest Raynaud escreveu para a *Lutèce*, por exemplo, que era simbolista. Alguns eram dissidentes de *La Pléiade* e mesmo fundadores do *Mercure de France* (Jules Renard, Édouard Dubus, Alfred Vallette e G.-Albert Aurier). Jules Renard, em especial, era satirista e seu alvo comum era a burguesia e os homens de letras da época.

Em seu primeiro número, além da apresentação já indicada, o *Mercure de France* publicou contos e poemas de autores que flertavam com o Simbolismo, ou que aludiam à percepção daquilo que se considerava arquétipo do “homem moderno”. Por meio do texto “*Les isolés*” (“Os isolados”), assinado por G.-Albert Aurier, sagrou-se como a primeira revista da década de 1890 a examinar positivamente a produção de Vincent Van Gogh. Aurier aproximou a arte do pintor holandês às expectativas de sua época, avaliando-o como:

[...] não somente como um grande pintor, entusiasta de sua arte, de sua paleta e da natureza; é, ainda, um visionário, um devoto exaltado, um devorador de belas utopias, que vive de ideias e de sonhos.

Por muito tempo, ele se contemporizou em imaginar uma renovação da arte, possível para um movimento de civilização: uma arte das regiões tropicais; os povos que reclamam imperiosamente obras que correspondam aos novos meios habitados; os pintores que se encontram face a face com uma natureza até então desconhecida, formidavelmente luminosa, que se confessa, enfim, a impotência dos velhos truques de escola, que se colocam a procurar, inocentemente, a cândida tradução de todas essas novas sensações...

[...] Vincent Van Gogh é, por sua vez, muito simples e muito sutil para o espírito burguês contemporâneo. Ele nunca será plenamente compreendido, a não ser por seus irmãos, os artistas muito artistas... e dos felizes do pequeno povo, do pequeníssimo povo, que terão, por acaso, escapado dos benfazejos dos ensinamentos da *Laique!* [...] (AURIER, 1890, p. 29).

Em fevereiro de 1890, o *Mercure* divulgou os seguintes textos: “A evolução egoísta” (“*L'évolution égoïste*”), de Alfred Vallette, e a “*Chronique*”, assinada por Laurent Tailhade. O escrito de Vallette concerne ao “egoísmo” de sua geração, voltada ao “eu”, postura que seria resultado, ainda, do culto desenfreado ao progresso e da rapidez dos acontecimentos, condições que fadariam o homem do *fin-de-siècle* ao fracasso. Já na “*Chronique*” (TAILHADE, 1890, pp. 33-38), vê-se, em um texto breve, que seu autor abusa do humor e

da acidez para questionar e ridicularizar aquilo que considerava ossificado ou incoerente com os anseios de seu tempo: escritores que se sujeitavam ao apadrinhamento e favorecimentos em troca de uma cadeira na Academia, além das atitudes que considerava próprias do homem burguês, como a avareza.

Em um primeiro momento, Laurent Tailhade evidenciou sua contrariedade às ações de Maurice Barrès, escritor que almejava posição no governo francês e que havia tentado se eleger em 1889, ano em que, aliás, suas ideias receberam maior atenção – para Christophe Charle, iniciativas como a de Barrès iam de encontro com a atitude antiparlamentar que dominava o campo literário, que contava com grupos vanguardistas que recusavam o engajamento político em nome da “arte pela arte” (CHARLE, 1990, p. 99). O posicionamento político de Maurice Barrès ia de encontro com o que pregava Tailhade, favorável ao anarquismo: Barrès era “boulangista” (movimento que deriva do nome do general Georges Boulanger e que ameaçava a Terceira República francesa) e pregava o autoritarismo e o antissemitismo.

Os *vaudevilles* também foram alvo de Laurent Tailhade: em sua crônica, o escritor ridicularizou essas apresentações teatrais e, ainda, o ator da *Comédie Française* Mounet Sully, chamando-o de “*histrion*” – ou bobo, palhaço, saltimbanco. Os *vaudevilles* eram populares e contavam com número elevado de expectadores. Eram recheados de personagens que representavam estereótipos de intrigas, de anulações de fortunas, de trocas de identidade e, também, de finais felizes. Para alguns literatos do período (a exemplo de Flaubert, que os combatia ferozmente), os *vaudevilles* representavam, igualmente, uma intersecção negativa entre o dado comercial e a cultura popular. Escrever *vaudevilles* era atividade rentável e fazia com que seus autores fossem financeiramente dependentes do gênero, o que indicava a estrutura da relação entre os produtores culturais e a classe dominante, algo execrado pelo grupo de Laurent Tailhade, que pregava a liberdade do artista. As apresentações eram divulgadas com amplitude e realizavam-se próximas de locais de consumo, que aspiravam ao status e que eram, para o horror de Tailhade, a essência do *bourgeois*, figura vista pejorativamente na época. Eram, igualmente, a demonstração prática da oposição entre “arte pura” e “arte burguesa”, esta última apontada como “mercenária” e que impunha “uma definição degradada e degradante da produção cultural” (BOURDIEU, 1992, p. 103).

Ao discorrer sobre a Academia Francesa, Tailhade versou sobre os homens de letras e sua subordinação a tal instituição. Vale ressaltar o que aponta Christophe Charle sobre esses indivíduos: eram eles, de modo geral, fruto da dominação cultural e literatos “precisamente acadêmicos” (CHARLE, 1990, p. 30). Tureau-Dangin, membro da Academia e escritor de pensamento católico, foi chamado por Laurent Tailhade de “autor pouco lido de

uma história qualquer”. O naturalista Ferdinand Brunetière, que era diretor da *Revue des Deux Mondes*, foi alcunhado “pedante”. Junto a eles, foram ridicularizados Émile Zola (considerado eterno candidato à Academia), Pierre Loti<sup>7</sup> e o dramaturgo Henri Becque, por disputarem a cadeira de Victor Augier na Academia – Augier era membro da “*école du bon sens*” (dos difamadores do Romantismo) e faleceu em 1889. Para Laurent Tailhade, esses concorrentes submeter-se-iam a um estágio humilhante, como o havia feito Leconte de Lisle, eleito em 1887. Foi dirigida crítica ainda mais veemente a Pierre Loti, chamado de “cacógrafo insolente”<sup>8</sup>. Todavia, Tailhade considerava-o favorito para ocupar a cadeira de Augier na Academia, possivelmente por conta da influência de Paul Bourget que, ao lado de Loti, também era colaborador da consolidada *Revue des Deux Mondes*. Pierre Loti foi, de fato, eleito em 1891.

De certo modo, Laurent Tailhade atacou a própria *Revue des Deux Mondes* ao ironizar três de seus membros. Fundada em 1829, a *Revue des Deux Mondes* era publicação de prestígio e contou com a colaboração de Victor Hugo, Stendhal e Baudelaire. Inicialmente, tratava-se de revista de política, economia e história. Em 1831, quando François Buloz se tornou o seu redator-chefe e depois o seu proprietário, empenhou-se em seguir o modelo das grandes revistas inglesas, ao tratar de assuntos diversos. Alguns de seus colaboradores prezavam o ideário naturalista, como Hippolyte Taine. O fato de ter estimado certo liberalismo conservador, além de ter se afastado das manifestações vanguardistas e defendido os valores da razão, ordem e clareza, podem ter sido motivo do escárnio de Laurent Tailhade.

Já a Academia Francesa, ou Académie, era a mais antiga instituição e casa de diversos escritores e pensadores importantes, como Voltaire e Montesquieu. Era, ainda, sinônimo de ambição e êxito social. Geralmente, contava por anos com um mesmo membro, usualmente oriundo de meio cultural privilegiado. Com a atuação de Charles Baudelaire, como já se mencionou, a Academia Francesa deixou de ser imaculada: em busca da autonomia do escritor, Baudelaire deixou aos seus contemporâneos “(...) o direito, e mesmo o dever, que incumbe ao detentor da nova legitimidade, de virar a mesa dos valores” (BOURDIEU, 1992, p. 109) e influenciou homens de letras e pensadores posteriores, como o fez o próprio Laurent Tailhade. Eram tempos de manifestação de independência:

[...] frente aos poderes externos, políticos ou econômicos; então, e somente então, a indiferença em relação aos poderes e honras, mesmo os mais específicos exteriormente, como a Academia e mesmo o prêmio Nobel, a distância em relação aos poderosos e seus valores, serão imediatamente

<sup>7</sup> Pseudônimo de Jean Viaud. Aparentemente, Laurent Tailhade fez questão de revelar tal nome, incluindo a ele, também, a patente de capitão de Loti.

<sup>8</sup> “Cacógrafo” é aquele que desrespeita as regras da ortografia.



compreendidos, e mesmo respeitados, e, além disso, recompensados e saberão, a partir desse fato, impor-se mais e mais como máximas práticas de condutas legítimas. (BOURDIEU, 1992, p. 107)

Em abril de 1890, o número do *Mercur de France* iniciou-se com texto de Alfred Vallette. Em “Intuitivismo e realismo” (“*Intuitivisme et réalisme*”), Vallette declarou a “morte do Naturalismo” e afirmou que o “ciclo naturalista” permaneceria incompleto, sem alcançar o que seria a “exata expressão do verdadeiro”, tão cara aos representantes dessa vertente: no século XIX, estabeleceu-se a literatura regida pelos “ritmos do cotidiano”, e os aspectos políticos, sociais e estruturais foram propícios ao nascimento do Realismo, que propunha o tratamento sério da realidade, visando a sua problematização. Apontou a seguinte justificativa para tal “fracasso”:

[...] o abuso de análise, que dissolve o fato e abole seu caráter, dissolução absolutamente contrária ao próprio objetivo da arte. Evidentemente, o autor deve ser um analista, mas para, após decompor um fato, reconstitui-lo, condensá-lo sob o aspecto notável e característico que responde ao fim da obra, na edificação daquilo que em ele não saberia adentrar, se assim podemos dizer, disperso em moléculas, mas estado de partícula composta (VALLETTE, 1890, p. 102).

Em julho de 1890, Ernest Raynaud assinou o texto “*Les écrivains de filles*”. Em análise comparativa, Raynaud afirmou que Émile Zola, Edmond de Goncourt e Joris-Karl Huysmans debutaram na literatura como “escritores de moças”, mas, para esse autor, Zola poderia ser comparado à cortesã de seu romance *Nana*, pois:

Durante dez anos, Zola monopolizou exclusivamente as livrarias como *Nana* o fez com a calçada, desmembrando, devastando as reputações dos colegas, ficando a espreita até das redações exóticas, passeando na *Chaussée* a carruagem de sua glória de meia-quaresma, de farmacêutico de Sainte-Menehould, de saboeiro do Congo. (RAYNAUD, 1890, p, 232)

Além disso, o desejo de Zola de aceder à Academia francesa – também mencionado na crônica de Laurent Tailhade – foi retomado por Ernest Raynaud, que comparou mais de uma vez a postura de *Nana* com a de seu criador:

*Nana* não se explica além das pretensões acadêmicas de Zola. Filha de alcólatras, alimentada de charcutaria, de carnes duvidosas e de vinhos baratos, ela tem a saúde das carnes humanas, a cabeleira opulenta, uma floração psíquica que surpreende. [...] mas, ainda essa pretensão de entrar no teatro, mesmo infundada, exige-lhe nervos de cão, certa vivacidade da inteligência, e, como se diria, um espírito de aventura. (RAYNAUD, 1890, p. 234)

Na contramão dos preceitos realistas/naturalistas, o *Mercur de France* divulgou, em outubro de 1890, “A teoria alquimista no século XIX” (“*La théorie alchimiste au XIX me siècle*”), ensaio assinado por Édouard Dubus. Nesse texto, Dubus ressaltou a retomada dos

estudos alquimistas em seu tempo, contrariando a voga positivista e cientificista. Um “*esprit nouveau*”, adverso às concepções materialistas da existência, era favorável às práticas do misticismo. Para Édouard Dubus,

Antes de tratar aquelas pessoas como loucas [os alquimistas], seria bom olhá-las mais de uma vez. Aqueles que têm o menor conhecimento em alquimia perdem logo a vontade de ridicularizá-los, acabam às vezes por estudar os velhos alquimistas com paixão. Quanto aos cultos, vários, e não menos ilustres, chegaram, desde nossos dias, a encontrar tal importância às ciências herméticas, que lhes consagraram obras maduramente refletidas. (DUBUS, 1890, p. 372)

Dubus defendeu aquilo que denominou “alquimia moderna”:

Em resumo, a alquimia moderna, partindo do princípio da isomeria dos metais, proclamada por filósofos herméticos desde o século VIII, afirma que, pela pedra filosofal, é possível produzir nos metais modificações moleculares que as transformam umas as outras, e que é possível, conseqüentemente, fabricar ouro com qualquer outro metal.

A ciência mais recente não tem nada a lhe objetar, a não ser essa proposição, contra a qual se levantam as testemunhas históricas mais autênticas: “Que nunca o fenômeno da transmutação metálica foi realizado” (DUBUS, 1890, p. 376).

Por fim, a crítica ao comportamento da burguesia novamente ganhou vez nas páginas do *Mercure*. Jules Renard, em “O burguês” (“*Le bourgeois*”), colocou à prova o gosto literário da *bourgeoisie* de sua época e, principalmente, refletiu sobre a subordinação do escritor a essa classe. Ao relatar o que seriam cenas do cotidiano de um casal burguês, Renard concluiu, como se lhes falasse:

Vejamos seriamente, Senhor e Senhora, a que vocês podem servir? O seu destino não é compreender um dia o universo, conhecer a “causa motriz”. O bom Deus faria então o efeito de um homem de letras que escreve um livro artista e o recoloca entre as mãos de todo mundo. Vocês foram criados para fazer número, figurar nas estatísticas, nas aglomerações diversas, para justificar toda catástrofe, e compor o “mingau” das guerras, ou simplesmente para nos irritar, nos curtir como couro. Se, ao menos, nós tornássemos isso imputrescível ao vosso contato!

Sim, provavelmente, é o castigo do artista: ele deve se colocar (oh, não muitas vezes, não é?) à sua mesa, brindar com os senhores, entrelaçar seus dedos, afeiçoados aos ângulos dos balcões. Ele não saberia, materialmente, viver sem você. É o seu suplício: acontece-lhe que vos encontramos juntos. [...]

Portanto, isso seria tão espantoso? Você nunca pediu, que eu saiba, ao teu açougueiro, uma costeleta de favor, e um serviço amigável de *pain riche* ao teu padeiro; porque você imagina que a literatura é algo que se faz por nada? (RENARD, 1890. pp. 387-388).

Após seu primeiro ano, o *Mercure de France* manteve-se casa de escritores e pensadores que ansiavam por novas propostas, além de ter aberto portas para artistas e literatos que inspiraram as vanguardas do século XX. O amadurecimento que se contemplou

em suas páginas foi concomitante ao seu crescimento estrutural, inclusive no sentido financeiro, o que será averiguado nas próximas linhas.

### ***De petite revue à maison d'édition***

Nos último decênio do século XIX, o *Mercur de France* se consolidou entre os demais periódicos franceses. Se, em seu primeiro ano, a revista contou com poucas publicações e colaboradores e se afirmou contrária às características do meio editorial de seu tempo, ao final da década, apresentou contornos de grande revista.

Em 1892, o *Mercur* deu seus primeiros passos enquanto editora. Nesse ano, Remy de Gourmont tentou, sem sucesso, publicar a sua obra *Latin Mystique* junto ao editor Léon Vanier. Logo, Alfred Vallette percebeu “que algo drástico deveria ser feito para trazer ao público as produções literárias de seu grupo” (BERTRAN, 1960, p. 351). Era desejo de Vallette reunir os trabalhos daqueles que faziam parte de seu círculo e oferecê-los aos leitores por valor módico, o que ocorreu pela primeira vez em abril de 1892, com o anúncio da publicação do *Latin Mystique*, que seria vendido por subscrição (VALLETTE, 1892, p. 373). Da lista de interessados em adquirir um exemplar da obra de Remy de Gourmont constavam os nomes de Pierre Quillard, do abade Mugnier, de P.-N. Roinard, de Saint-Pol-Roux, do próprio Alfred Vallette e de Frédérick Sorrien. No mês seguinte, a revista divulgou o sumário do *Latin Mystique*, além de propaganda do *imprimeur-éditeur* Édmond Monnoyer, possivelmente o responsável pela impressão do livro. Em “*Échos divers et communications*” de maio de 1892, tornou públicos os nomes daqueles que requeriam exemplares do *Latin Mystique* – em maior número do que no primeiro informe, – inclusive em papel de luxo. E, além dos colaboradores habituais da revista, apareceram, como solicitantes, homens de letras estrangeiros, a exemplo dos belgas Stuart Merrill e Maurice Maeterlinck e do poeta simbolista português Antonio de Oliveira Soares.

O caso de Gourmont e de seu *Latin Mystique* possibilita a análise do empreendimento de Alfred Vallette frente às incursões editoriais de seu tempo. Havia, na época, editores que obtinham ganhos significativos, a exemplo de Alphonse Lemairre e que, de certo modo, exploravam o trabalho dos escritores. O poeta Paul Verlaine, por exemplo, pagara para ser editado, antes mesmo de receber os frutos de sua produção (MOLLIER, 2010, p. 625). Diante de tal cenário, os fundadores do *Mercur de France* e, antes deles, jovens escritores “(...) que se reuniam em volta de minúsculas revistas de vanguarda, quiseram quebrar as leis do sistema, recusar as práticas dos aproveitadores, trabalhar em prol de uma literatura livre de contaminação material” (MOLLIER, 2010, p. 625). Na época, essa situação se

justificava pelo fato de que os jovens literatos não obtinham seu lugar ao sol junto aos grandes editores, cabendo às pequenas revistas o papel de lançar suas obras ao público leitor.

Em setembro de 1893, o *Mercure* anunciou a troca de gráfica, divulgando o documento firmado com a *Imprimerie A. Davy* e indicando o seu novo número de tiragem – 1.000 exemplares. Nesse ano, o seu número de páginas variava de 90 a 100. Para a assinatura por um ano, na França, cobravam-se 12 francos. Já para outros países, ela era de 14 francos. O grupo de redatores também aumentara: faziam parte da redação Edmond Barthélemy, Jean Court, Gaston Danville, Édouard Dubus, Louis Dumur, André Fontainas, Remy de Gourmont, A.-Ferdinand Herold, Charles Merki, Raoul Minhar, Pierre Quillard, Yvanhoé Rambosson, Ernest Raynaud, Jules Renard, Albert Samain, Laurent Tailhade e Alfred Vallette. Em 1894, tornou-se sociedade anônima, organizando seu capital em ações – dado que consta do quinquagésimo segundo número do jornal dos *Archives Commerciales de la France* e que foi anunciado pelo próprio *Mercure* (1894, p. 305). Os idealizadores da revista faziam-se presentes na Sociedade, cujo capital era de 75.000 francos, dividido em 750 ações de 100 francos. Vallette, Jules Renard e Remy de Gourmont foram nomeados administradores estatutários, pois a revista não “era mais um grupo de amigos, mas um mecanismo que tinha uma responsabilidade legal e uma destinação precisa” (DINAR, 1943, p. 174). Segundo o *Mercure de France*, a Sociedade fora criada pelo seguinte motivo:

Ela [a Sociedade Anônima] tem por objetivo a publicação, a melhora e a extensão do *Mercure de France*, assim como todos os assuntos que possam ser vinculados a uma publicação periódica e à livraria. Sua duração fixa é de 20 anos a partir do dia de sua constituição definitiva, que ocorreu em 24 de maio de 1894. A sede está estabelecida em Paris, rua do Echaudé-Saint-Germain, número 15. (*MERCURE de France*, 1894, p. 303)

Nessa época, a revista contava com textos mais extensos, além de ilustrações assinadas, a exemplo daquelas de autoria do escritor Léon Bloy. A seção “*Les livres*” chegava a resenhar mais de dez obras por número. Além dos gêneros habituais, como conto, crítica e poesia, estudos sobre pensadores e artistas do período, como o de Henri Albert sobre o filósofo alemão Friedrich Nietzsche e o de Hans de Wolzogen sobre o compositor Richard Wagner foram publicados. Havia, também, a seção “*Journaux e revues*”, que comentava sobre outros jornais e revistas, franceses ou estrangeiros. E o *Mercure de France* deu maior atenção, igualmente, aos fatos políticos de seu tempo, como as questões entre França e Alemanha, divulgando enquetes sobre o tema. Por fim, em abril de 1896, o periódico passou por nova mudança, que correspondia ao seu crescimento. Os números chegavam a quase duzentas páginas, os textos apareciam cada vez mais extensos e surgiu a seção “*Revue du mois*” (“Revista do mês”), como parte de uma modificação editorial. A



alteração da seção “*Journaux et revues*”, anunciada por Robert de Souza reflete, de certa forma, uma visão ampla da transformação da revista:

Aceitando da direção do *Mercur* a responsabilidade dessa rubrica, prevenimos, por meio de algumas palavras, o desapontamento que o leitor poderia experimentar ao ver-se envolto de um novo espírito. [...] Não podemos querer mais. São tempos, segundo nós mesmos, que buscam outras coisas. Nesses últimos dois ou três anos, ainda foi necessário que tivéssemos somente um completo conhecimento de todas as ramificações de nossas tentativas e de nossas ideias. Mas, agora, nos conhecemos bem. E importa tanto advertir quanto sustentar-se. (SOUZA, 1896, pp. 143-144)

Em sua primeira aparição, a “*Revue du mois*” continha as seguintes rubricas: “*Poèmes*”, assinada por Francis Vielé-Griffin; “*Roman*”, de Rachilde; “*Théâtre*”, por Louis Dumur; e “*Littérature*”, por Remy de Gourmont. Com o passar do tempo, tal seção se consolidou. Em alguns números do *Mercur*, chegou a apresentar mais de 20 rubricas, que concerniam a assuntos diversos: os colaboradores falavam de história, sociologia, variedades, decoração e mesmo de esoterismo, entre outros temas, o que nos sugere que o *Mercur de France* afinou-se à seguinte tendência: a de revistas que “acolhem tudo o que é ‘avançado’, no que tange a todos os domínios (arte, literatura, filosofia, política) e pretendem assim serem revistas completas, como as grandes revistas dominantes” (CHARLE, 1990, p. 106). Além disso, o *Mercur* acentuou seu cosmopolitismo dando maior atenção à literatura estrangeira por meio de suas “*Lettres*”, inclusive portuguesas, que davam notícias do cenário literário de Portugal e que noticiaram aspectos da literatura brasileira do fim do XIX.

Seu crescimento resultava, ainda, na intensificação de certo elitismo, o que, para Mollier:

[...] leva ao oferecimento de tiragens de luxo, papéis de Holanda Van Gelder ou Japão imperial, desde 1894, de 32 a 45 francos, soma proibitiva para quem não é rico, mas que garante substanciais entradas de dinheiro nos caixas. Alfred Vallette nada mais fez do que seguir o exemplo da livraria especial bem implantada em Paris com Vanier, Edmond Bailly, na chaussée d'Antin, chegou a acrescentar à sua especialidade a impressão de dedicatórias pessoais, ideia que será retomada por Bernard Grasset. (MOLLIER, 2010, p. 630).

Todas as alterações corroboravam para que o *Mercur*, em um primeiro momento uma *petite revue*, se tornasse, nos últimos momentos dos anos de 1800, um periódico expressivo e adquirisse contornos de “editora especial”:

[...] quando vai dividir 208 ações para o público, protegendo a maioria do grupo fundador, Alfred Vallette nada mais fez do que reproduzir o comportamento de seus antecessores. As participações do início receberam assim uma primeira bonificação muito confortável, e o aporte de líquidos estará a cargo dos novos subscritores. É a aplicação de uma gestão

capitalista são, geradora de lucros comerciais, no movimento e no crescimento de uma revista teoricamente fora do sistema: nem ganhar dinheiro nem formar uma escola, prometera o artigo de lançamento, mas “publicar obras puramente artísticas de concepções bastante heterodoxas para não serem acolhidas em folhas que contam com a clientela” (MOLLIER, 2010, p.631).

O *Mercure de France* não apenas sobreviveu ao ano de sua fundação, mas manteve-se ascendente, transpassando os limites do século XIX e almejando a condição de *grande revue*. Conservou, também, sua atenção à literatura e às outras artes.

### Considerações Finais

Percorrer a trajetória do *Mercure de France* permitiu-nos compreender as particularidades do *fin-de-siècle* francês, no que concerne à divulgação da literatura, das outras artes e de ideias que emergiam e se aclimatavam naqueles anos. Possibilitou-nos, também, apreender as relações estabelecidas entre os literatos e periódicos, bem como as condições impostas ao e pelo meio editorial.

A relevância do percurso dessa revista corresponde, igualmente, à importância de seu nome no periodismo e na literatura francesa. Aparentemente, tal título era recuperado sempre que se almejava trazer à luz uma folha que aspirasse a um novo fôlego. Reconhecer os seus colaboradores e o papel exercido por Alfred Vallette viabiliza a clarificação das particularidades dos agrupamentos vigentes e das obras publicadas. Foram várias as revistas que propuseram ruptura e oposição às condições vigorantes, no que tange ao fator social e às novas incursões na literatura, por vezes representadas pela estética simbolista, mas que feneceram logo após o seu primeiro número. Diferentemente de suas precursoras, o *Mercure* ganhava, ano a ano, novas rubricas, novos colaboradores e aumentava sua tiragem, o que significava maior alcance junto ao público leitor. O periódico também se mostrou cosmopolita, divulgando as letras e as artes de outros países e se fazendo presente além do território francês.

De Donneau de Visé a Vallette, e de *petite revue à maison d'édition*, o *Mercure de France* transformou-se e consolidou-se. Foi pioneiro em editorias e temas, bem como em questões estruturais. Ultrapassou os limites do século XIX e permaneceu uma revista ativa no século XX, mantendo-se objeto de diversos estudos.

**Referências:**

ANÔNIMO. About some French "Literary" reviews. *SubStance*, vol. 1, p. 68-70, mar. 1971. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3684559>>.

AURIER, G.-Albert. Les isolés. *Mercur de France*, Paris, p. 24-29, jan. 1890.

BANVILLE, Théodore de. Au lecteur. *La Pléiade*, Paris, p. 01-02, 1886.

BARRE, André. *Le symbolisme: essai historique sur le mouvement symboliste en France de 1885 à 1900*. New York : Burt Franklin, s/d.

BEAUMARCHAIS, Jean-Pierre de; COUTY, Daniel; REY, Alain. *Dictionnaire des littératures de langue française*. Paris : Bordas, 1994. 4 v.

BERTRAN, Aviva H. Schonthal. *Mercur de France: the birth of a publishing house*. *The French Review*, vol. 33, n. 4, pp. 351-358, fev. 1960. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/383650>>.

BONNETAIN, P; DESCAVES, L; GUICHES, G; MARGUERITTE; P. ROSNY ; J. ;H. La Terre. *Le Figaro*, Paris, p. 1. 2. col., 18 ag. 1887

BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Édition du Seuil, 1992.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CARTER, Thomas P. Les *Petites Revues* and the Embattled Periodical: Art et Critique (1889-1892). *The French Review*, vol. 46, n. 3, p. 475-483, fev. 1973. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/386940>>.

CHARLE, Christophe. *Naissance des « intellectuels »*. (1880-1900). Paris : Les Éditions de Minuit, 1990. BOURA, C. M. *The heritage of Symbolism*. New York: Macmillan, 1967.

DINAR, André. *La croisade symboliste*. Paris : *Mercur de France*, 1943.

DUBUS, Édouard. La théorie alchimiste au XIX<sup>me</sup> siècle. *Mercur de France*, Paris, p. 372-376, out. 1890.

DUMUR, Louis. Édouard Dubus. *Mercur de France*, Paris, p. 133-154, ag. 1895.

GOURMONT, Remy de. Curiosités. *Mercur de France*, Paris, p. 62, jan. 1891.

H., A.-F. Enquêtes et curiosités. *Mercur de France*, Paris, p. 183-191, jun. 1893.

*MERCURE de France*. Avertissement. Paris, jan. 1724: Autor.

*MERCURE de France*. Échos divers et communications. *Mercur de France*, Paris, p.303, jul. 1894: Autor.

MERCURE de France. *Le Mercure de France*: revue complémentaire du Musée des Familles et des Magazines pittoresques, études et révélations mensuelles du journalisme, de la librairie, des Académies, des coteries, des salons, des théâtres et des tribunaux. Paris, fev. 1835: Autor.

MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras*: história do capitalismo editorial. Tradução de Katia Aily Franco de Camargo. São Paulo: EDUSP, 2010.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*: a França no século XIX. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

RAYNAUD, Ernest. Les écrivains des filles. *Mercure de France*, Paris, p. 231-238, jul. 1890.

RENARD, Jules. Le bourgeois. *Mercure de France*, Paris, p. 385-388, out. 1890.

SOUZA, Robert de. Journaux et revues. *Mercure de France*, Paris, p. 142-149, abr. 1896

TAILHADE, Laurent. Chronique. *Mercure de France*, Paris, p. 33-39, fev. 1890.

VALLETTE, Alfred. Échos divers et communications . *Mercure de France*, Paris, p. 373, abr. 1892.

\_\_\_\_\_. Intuitivisme et réalisme. *Mercure de France*, Paris, p. 97-104, abr. 1890.

\_\_\_\_\_. *Mercure de France*. *Mercure de France*, Paris, p. 01-04, jan. 1890.